

ARTIGO

O EXCITANTE *CAUDILHO*
DE RAMOS MEJÍA E O
DESVAIRADO *MENEUR* DE
NINA RODRIGUES
RAÇA E GÊNERO NAS
INTERPRETAÇÕES
SUL-AMERICANAS DA
PSICOLOGIA DAS MASSAS

FERNANDO BAGIOTTO BOTTON

Universidade Estadual do Piauí

Parnaíba | Piauí | Brasil

fernandobotton@phb.uespi.br

orcid.org/0000-0001-9746-6832

O presente trabalho discute duas perspectivas interpretativas da psicologia das massas realizadas anteriormente às leituras freudianas. Para tanto, nos referimos ao livro *Las massas argentinas* (publicado em 1899), formulado pelo psiquiatra e político argentino José María Ramos Mejía, e aos ensaios presentes em *As coletividades anormais*, do alienista e higienista brasileiro Raimundo Nina Rodrigues (especialmente aqueles publicados em 1898). Ambos se utilizaram de argumentos baseados em conceitos e preconceitos metafóricos de gênero e raça para realizar tais leituras e reinterpretações, constituindo versões absolutamente heterodoxas da psicologia das massas, embora bastante adaptadas às demandas sociais e políticas das elites nacionais de sua época.

massas – líder – psicologia

ARTÍCULO

EL EXCITANTE CAUDILLO
DE RAMOS MEJÍA Y EL
DESENFRENADO MENEUR
DE NINA RODRIGUES
RAZA Y GÉNERO EN LAS
INTERPRETACIONES
SUDAMERICANAS DE LA
PSICOLOGÍA DE LAS MASAS

FERNANDO BAGIOTTO BOTTON

Universidade Estadual do Piauí
Parnaíba | Piauí | Brasil
fernandobotton@phb.uespi.br
orcid.org/0000-0001-9746-6832

Discutimos dos perspectivas interpretativas de la psicología de las masas realizadas anteriormente a las lecturas freudianas, tratamos del libro *Las masas argentinas* (publicado en 1899) formulado por el psiquiatra y político argentino José María Ramos Mejía y los ensayos presentes en *As coletividades anormais* del alienista e higienista brasileño Raimundo Nina Rodrigues (especialmente aquellos publicados en 1898). Para realizar tales lecturas y reinterpretaciones los dos se utilizaron de argumentos basados en conceptos y prejuicios metafóricos de género y raza, constituyendo versiones absolutamente heterodoxas de la psicología de las masas, aunque bastante adaptadas a las demandas sociales y políticas de las elites nacionales de su época.

masas – líder – psicología

Nas últimas publicações de sua vida, Sigmund Freud se dedicou imensamente à constituição de um corpo teórico e empírico para a compreensão da psicologia social. Em textos como *Moisés e o Monoteísmo* (1987), *Psicologia das massas e análise do eu* (2011) e *O futuro de uma ilusão* (2019), o pai da psicanálise reformulou e aprofundou princípios que havia levantado desde seu precoce *Totem e Tabu* (2013), afirmando então que, por sua perspectiva, não haveria nenhuma incompatibilidade entre a psicanálise clínica e aquela análise social, dado que operam por princípios semelhantes (FREUD, 2011). Talvez a grande base de intersecção desses fundamentos psicanalíticos individuais e coletivos pode ser encontrada nos comentários que o psicanalista fez a Gustave Le Bon¹ em *Psicologia das massas e análise do eu* (2011), publicado originalmente em 1921. Para Freud, o grande nome da psicologia das massas haveria acertado em sua análise de que a consciência individual se esfuma no momento em que se formam agrupamentos multitudinários, e que um líder seria o único capaz de controlar sua violência e irracionalidade, porém lhe faltaria a explicação para o mecanismo desse fenômeno. Segundo Freud, a chave para tal explicação estaria contida no conceito, já formulado em seus compêndios de psicanálise clínica, de libido:

farei a tentativa de aplicar, no esclarecimento da psicologia da massa, o conceito de libido, que nos prestou bons serviços no estudo das psiconeuroses. “Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa — embora atualmente não mensurável —, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. [...] o amor entre os sexos para fins de união sexual. Mas não separamos disso o que partilha igualmente o nome de amor, de um lado o amor a si mesmo, do outro o amor aos pais e aos filhos, a amizade e o amor aos seres humanos em geral, e também a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa é que a investigação psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências seriam expressão dos mesmos impulsos instintuais que nas relações entre os sexos impellem à união sexual, e que em outras circunstâncias são afastados dessa meta sexual ou impedidos de alcançá-la, mas sempre conservam bastante da sua natureza original. (Freud 2011, 43).

¹ O pensamento de Gustave Le Bon foi um dos mais seminais em fins do século XIX e início do XX em contextos mundiais. Sua interpretação de que as individualidades perdiam sua racionalidade e heterogeneidade quando se agrupavam em coletividades foi o principal mote de teorias sobre a liderança e a chefia, que passaram a compreender a necessidade do líder como indispensável ao domínio das massas para evitar suas erupções volitivas, levantes e revoluções absolutamente execráveis às elites e poderes políticos da época (Cohen 2013). Segundo Moscovici (2013), as ideias contidas em *A psicologia das massas* (2005) de Le Bon, publicado originalmente em 1985, teve impacto considerável em praticamente todo o século XX. Moscovici observou que o livro era objeto de cabeceira de Benito Mussolini e uma cópia dele foi apresentada a Adolf Hitler em um de seus encontros (2013), e que ambos se apropriaram até mesmo dos elementos de gênero lançados pela tese original, tal como expresso pelo fascista italiano: “A la multitud le gustan los hombres fuertes. La multitud es como mujer” e também pelo nazista alemão: “El pueblo tiene, en su gran mayoría, unas características disposiciones hasta tal punto femeninas que sus opiniones y sus actos son conducidos mucho más por la impresión que reciben sus sentidos que por la reflexión pura” (2013, 143).

Dessa constatação, fica evidente o movimento do psicanalista em estabelecer uma conexão direta entre esse vínculo libidinal individual e aquele travado entre o líder e as massas:

experimentaremos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva. [...] evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a *Eros*, que mantém unido tudo o que há no mundo?
(Freud 2011, 45).

Dessa forma, Freud alinha a imagem paterna dos líderes condutores de massas a Cristo para a Igreja Católica e ao general para o exército – duas instituições que ele denomina “massas artificiais”. Tais laços libidinais – simultaneamente passionais, afetivos e eróticos – seriam fundadores de uma relação de introjeção desse objeto de desejo (líder/pai) para o próprio ideal do Eu – fundamento de estruturas psíquicas como o *Supereu*, responsável por controlar as paixões e os impulsos violentos em nome da vida social. Esse líder introjetado evocaria a imagem do pai primevo, despertando inconscientemente a sede de submissão ou ânsia de autoridade, embora ressaltemos que o conceito de autoridade para Freud possui uma conotação muito mais afetiva do que autoritária. Seguindo seu argumento, Freud explica que a formulação da homogeneidade de massas se estabelece justamente pela identificação gerada entre os múltiplos indivíduos que introjetam para si esse objeto de desejo em comum. Dessa forma, define o conceito de massa: “é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (Freud 2011, 76). Essa interpretação freudiana marcou grande parte das compreensões posteriores acerca da psicologia das massas, do fascismo e dos movimentos coletivos influenciando grandes filósofos e cientistas sociais tais como Theodor Adorno com seus *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2019).

Por mais que tais leituras freudianas se constituíram como uma das formas mais hegemônicas de interpretação dos fenômenos de massa no interior das ciências sociais de meados do século XX, tal interpretação tratava-se apenas de uma das possibilidades explicativas para a psicologia das massas disponíveis na época. De certa maneira, tratava-se de uma interpretação bastante tardia, já que se passava quase 50 anos entre as primeiras publicações de Le Bon e os últimos escritos de Freud. Nesse breve estudo, pretendemos demonstrar que outras leituras, mais selvagens, dessa teoria foram realizadas antes de Freud e, por mais que não fossem aprofundadas e nem recebessem o esmero polimento teórico psicanalítico, anteciparam muitos desses postulados, demonstrando certa ousadia e liberdade de adaptar tais interpretações às realidades nacionais e sociopolíticas latino-americanas, mais precisamente, brasileiras e argentinas. Referimo-nos especificamente às teses dos médicos e psiquiatras José Maria Ramo Mejía (argentino) e Raimundo Nina Rodrigues (brasileiro). Compreender essas interpretações pré-psicanalíticas da psicologia das massas é bastante esclarecedor na constituição desse campo de leituras em terras latino-americanas, pois elas também foram empregadas pragmaticamente no manejo das multidões e na compreensão de diferentes agrupamentos sociais naqueles países. É importante ressaltarmos que, quando as teorias sociais de Freud foram traduzidas às línguas latinas e circulantes em solo sul-americano, as interpretações de Mejía e Rodrigues já eram circulantes, incrustadas em operacionalidades de poderes públicos de tal forma que até mesmo as

primeiras interpretações de Freud não abriam mão do cabedal de conceitos e preconceitos gerados pelas interpretações pretéritas aqui elencadas. É justamente nessa bricolagem de saberes que podemos compreender o impacto intelectual, teórico, mas também político da psicologia das massas no Cone Sul latino-americano.

A recepção/reformulação de uma psicologia centrada na personalidade do líder enquanto forma de condução das massas foi bastante rápida no contexto sul-americano. Tanto na Argentina quanto no Brasil, diversos intelectuais propuseram o emprego dos saberes-poderes psi (psicologia, psiquiatria, psicanálise etc) como forma de intervir pragmaticamente na experiência social e política de seus países. Num contexto em que poucos bacharéis eram os responsáveis pelos mais diversos projetos de nação (Sevecenko 2006), o ideário da liderança das massas foi recebido, apropriado e reinterpretado, predominantemente pelo discurso médico, configurando um saber abrangente e eclético que transpassava toda a compreensão do homem, da esfera individual à coletiva, constituindo conceitos e preconceitos políticos que impactaram sobremaneira a experiência histórica daqueles países.

Segundo Ana María Talak (2010), a recepção intelectual da psicologia sul-americana no início do século XX, especialmente na Argentina, deve ser compreendida como um processo fragmentado, polifônico, que apresentava múltiplos projetos políticos e compartilhava das mais diversas e ecléticas referências, impossíveis de serem abarcadas pelo macroconceito “positivismo”. Entre as sortidas recepções/reinterpretações, Talak mapeou a influência dos principais autores lidos:

En Francia, fueron significativos en la conformación de una tradición psicopatológica y evolucionista en el abordaje de la psicología, los aportes de Hippolyte Adolphe Taine en el estudio de la mente en relación con su base biológica (*De l'intelligence*, 1870) y en la caracterización psicológica de las masas (*Les origines de la France contemporaine*, 5 volúmenes publicados entre 1875-1893), de Jean Martin Charcot en la concepción fisiológica y en la clínica de las enfermedades nerviosas (*Leçons sur les maladies du système nerveux faites à la Salpêtrière*, 3 volúmenes publicados entre 1885 y 1887) y de Théodule-Armand Ribot en la concepción de la psicología como rama de la biología y no de la filosofía, sobre la herencia psicológica (*L'hérédité psychologique*, 1873), y sus trabajos sobre la atención (1889), los sentimientos (1896), la imaginación creadora (1900), y sobre las enfermedades de la memoria (1881), de la voluntad (1883) y de la personalidad (1885), [...]. En Italia, fueron importantes en este proceso, por un lado, los primeros trabajos de Giuseppe Sergi sobre la psicología fisiológica (*Principi di psicologia*, 1874), la teoría fisiológica de la percepción (*Teoria fisiologica della percezione*, 1881), las emociones (*Dolore e piacere. Storia naturale dei sentimenti*, 1894), y por el otro, la teoría de Cesare Lombroso sobre el delincuente atávico (*L'uomo delinquente*, 1876), y los desarrollos que continuaron Enrico Ferri en criminología, Enrico Morselli tanto en la clínica psiquiátrica como en la lectura de algunos problemas como el suicidio, la prostitución y el magnetismo animal, y Scipio Sighele sobre la muchedumbre delincuente (*La folla delinquente*, 1891). En Inglaterra, los aportes más relevantes provenían del empirismo y el asociacionismo (John Stuart Mill, Alexander Bain) y el evolucionismo propuesto por Herbert Spencer (*Principles of Psychology*, 1855). Luego Francis Galton aportaría el uso de cuestionarios y las estadísticas para medir diferencias individuales, iniciando la psicología diferencial (*Hereditary Genius* 1969) y la eugenesia. (Talak 2010, 9-10).

Desse heterogêneo leque de referenciais, pode-se destacar certos objetivos comuns, especialmente com relação à tarefa de articular os planos da individualidade e da coletividade de forma a compreender a psique ou personalidade humana por meio do par corpo (concepção fisiológica, fisiologia da percepção, psicologia biológica, psicologia fisiológica) e mente (sentimentos, vontades, emoções, percepção). A partir desse diagnóstico, propunha-se traçar um diagnóstico social para atuar sobre as diversas enfermidades coletivas: criminologia, prostituição, degeneração, delinquências e revoluções. Desses saberes-poderes se fundamentaram os esforços higienistas, eugenistas, sanitaristas e alienistas com o intuito de constituir técnicas e práticas científicas que respondessem aos anseios daquelas elites locais inspiradas pelos modelos europeus de sociedade que se sustentam na capacidade científica de estabelecer processos de progresso e civilização social.

Nesse ambiente de profusão e apropriação dos ideais políticos, bastaram menos de cinco anos após a publicação original da *Psicologia das Massas* em 1985 de Le Bon (2005) para surgirem fartas referências dessa teoria em diversos tratados lançados por intelectuais latino-americanos, tais como o higienista e alienista brasileiro Raimundo Nina Rodrigues e o sanitarista, higienista e psiquiatra portenho José María Ramos Mejía, de modo que ambos podem ser considerados introdutores e intérpretes das teorias que trataram das relações psicopolíticas entre o líder e as massas no contexto sul-americano. Nesse sentido, é importante desmitificarmos a ideia de que o ideário psicossociológico das multidões foi uma mera imitação mal interpretada dos ideários europeus; antes disso, seus leitores estavam bastante cientes dos objetivos políticos locais e possuíam um verdadeiro projeto de intervenção nos problemas nacionais a partir da utilização e adaptação de tais saberes. Tanto Rodrigues quanto Mejía estavam conscientes das preocupações mais pujantes das elites locais, destacando o perigo da contaminação das revoluções e convulsões trabalhistas europeias em solo latino-americano. Com isso, formularam pragmáticas teorias de intervenção/atuação políticas em suas sociedades baseadas na nascente ciência social-psicológica.

RAMOS MEJÍA E AS *MULTITUDES ARGENTINAS*

José María Ramos Mejía foi um nome muito popular em sua época, não apenas como médico psiquiatra, mas também como sanitarista e deputado. Para conhecer um pouco de sua preponderância intelectual e política na Argentina, vale a pena tomarmos alguns apontamentos biográficos encontrados em publicação anônima comemorativa da Universidad Pedagógica Argentina (2011). Em 1873, Mejía funda e dirige o Círculo Médico Argentino e inicia a publicação dos *Anales*, revista científica de grande prestígio. Cinco anos depois publicou o primeiro tomo de *Las neurosis de los hombres célebres en la historia argentina*, escrito que até hoje é conhecido como uma obra fundante da psiquiatria argentina. Nela Mejía faz um apanhado dos principais avanços para a época acerca da fisiologia e patologia nervosa e também pensa a neurose na história Argentina a partir da análise do caso do caudilho Juan Manuel de Rosas. Pelo aplauso de grandes liberais, Mejía ingressou na elite intelectual da época. Em 1880, foi nomeado inspetor dos *hospitales de sangre*. Começa seu trabalho como médico no *Hospital San Roque*, no qual foi designado perito de tribunais em foro nacional. Também foi nomeado médico e conselheiro técnico do presidente da *Comisión Municipal*. Dessa parceria, foi fundada a *Asistencia Pública* da qual assumiu como diretor geral em 1882, e nessa posição de poder passou

a exercer muitas atividades: criação do *Hospital para Crônicos*, do laboratório bacteriológico da *Escuela Municipal de Enfermería*, etc. Nessa ocasião, a *Facultad de Medicina* de Buenos Aires lhe ofereceu a cátedra de higiene em que cria o ramo de *Enfermedades Nervosas*. De 1888 até 1898, assumiu o cargo de deputado nacional e, no governo do presidente Luis Sáenz Peña, ocupou a presidência do *Departamento Nacional de Higiene*. Também exerceu diversos cargos públicos: foi Diretor do *Instituto Frenopático*, acessor do *Ministerio de Relaciones Exteriores* para o estudo da Convenção Sanitária Internacional no Rio de Janeiro, também foi nomeado presidente do *Consejo Nacional de Educación*. Dessas breves notas biográficas, podemos compreender a posição social de enunciador que Mejía ocupava naquele contexto, bem como o patamar de poder que seus enunciados científicos obtinham no interior daquela sociedade.

Compreendendo a preeminência teórica, intelectual e política de Mejía, podemos aventar os intuitos de sua teorização, especialmente na sua mais famosa obra *Las Multitudes Argentinas* (1977), publicado pela primeira vez em 1899. Reinterpretando a impactante influência das ideias de Gustave Le Bon (2005), Mejía buscava realizar um levantamento histórico de biologia social compreendendo a formação e evolução das multidões argentinas. Desde os pressupostos, sua tese é heterodoxa aos princípios do mestre Le Bon, uma vez que o francês afirmava o fenômeno das multidões como um acontecimento recente, iniciado com os grandes levantes revolucionários europeus. Já para Mejía, as multidões seriam algo próximo a um motor da história, segundo ele, mais fundamental que a teoria dos grandes homens de Thomas Carlyle², já que a ação da multidão havia sido soberana e onipotente em toda história argentina. Contudo, Mejía não se esquiva do protagonismo dos líderes e suas qualidades de personalidade que lhes destinaram ao mando:

Los hombres que proceden de ella [la multitud] son en toda su psicología, su expresión genuina, una proyección individual de su alma y de su genio [...] Los dominadores de la multitud, los que, surgidos o no de ella, han tenido calidades de cierto orden que les ha permitido dominarlas, dirigir las u, a veces, transformarlas. (Mejía 1977, 16)

Nessa composição, o líder não é aquele que simplesmente é tomado como objeto de desejo e influencia a ação das multidões, mas, antes disso, é sua expressão genuína, projeção da alma das massas. Em busca desse vínculo líder-massas, Mejía lança mão da parafernália teórica leboniana quando especifica o conjunto de homens que compunham a *alma colectiva*³. Tal como o psicólogo francês, Mejía concordava que a importância da sugestão não deveria ser descartada na condução das massas, já que influenciaria o homem em coletividade, carente de inteligência e razão, aproximando-se da animalidade. Tal interpretação é levada ao paroxismo quando se refere às populações latino-americanas:

² Carlyle foi um dos mais citados historiadores e historiógrafos do século XIX. Suas formulações sobre o heroísmo dos grandes homens foram muito bem recepcionadas na América Latina até a metade do século XX. Para uma discussão sobre a produção política/científica do *culto aos heróis* empreendida por Carlyle (El-Jaick Andrade, 2006).

³ Essa interpretação já demonstra uma mescla da *psicología das multidões* com conceito de *alma*, muito caro ao pensamento científico – com tinturas de positivismo, catolicismo e historicismo alemão – circulante no final do século XIX e início do XX na América Latina.

Si el hombre moderno de las sociedades europeas, que aislado es culto y moderado, se muestra tan bárbaro cuando constituye la muchedumbre, ya os imagináis como serían las multitudes americanas formadas por ese elemento más instintivo y violento, más sujeto a los entusiasmos y a los heroísmos de los seres primitivos. (Mejía, 1977, 17).

Se para Le Bom ou Freud a massa poderia ser composta por qualquer tipo de indivíduo, para o psiquiatra argentino haveria um tipo específico de população mais propenso a entrar em estágio de ebulição: “Yo tengo mi teoría sobre las multitudes. Me parece que se necesitan especiales aptitudes morales e intelectuales, una peculiar estructura para alienarse en sus filas. Defiero en esto de Le Bon.” (Mejía 1977, 19). Segundo ele, em primeiro lugar constituem os principais núcleos da multidão “los *sensitivos*, los *neuróticos*, los individuos cuyos nervios solo necesitan que la sensación les roce apenas la superficie para vibrar en un prolongado gemido de dolor o en la vigorosa impulsividad, que es la característica de todas las multitudes” (Mejía 1977, 18). Percebamos que o autor traça tipologias psicológicas para definir os (in)aptos a pertencerem a um estado de massa psicológica compostas pelas populações incultas, incivilizadas, animalizadas:

El verdadero hombre de la multitud ha sido entre nosotros el individuo humilde, de conciencia equivocada, e inteligencia vaga y poco aguda, de sistema nervioso relativamente rudimentario e ineducado, que percibe por el sentimiento, que piensa con el corazón u a veces con el vientre; en suma, el hombre cuya mentalidad superior evoluciona lentamente, quedando su vida cerebral reducida a facultades sensitivas. (Mejía 1977, 20).

Sublinhamos as características de humildade e sentimentalismo que definirão a metáfora, reiterativamente empregada por Mejía no decorrer de toda sua obra, da multidão como mulher:

Por eso éstas [las multitudes] son impresionables y veleidosas como las mujeres apasionadas, puro inconsciente. Fogosas, pero llenas de luz, fugaces, amantes ante todo de la sensación violenta, del color vivo, de la música ruidosa, del hombre bello y de las grandes estatuarias. Porque la multitud es sensual, arrebatada y llena de lujuria para el placer de los sentidos. (Mejía 1977, 19)

A interpretação de gênero nos tratados de Mejía não é mero preciosismo interpretativo, mas parte integrante de uma interpretação/proposição científica e política. Compreendemos aqui o conceito de gênero como elemento teórico e pragmático, já que, além de ser uma categoria útil para análise histórica (Scott 1995), também é uma forma de compreender as relações sociais por meio das estruturas de poder que objetivavam criar hierarquizações e subordinações. Em outros termos, é uma forma privilegiada de fundamentar as relações de poder, já que:

a diferença sexual é a forma principal de significar a diferenciação [social]. O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os(as) historiadores(as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. [...] O gênero foi utilizado literalmente ou analogicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governados. (Scott 1995, 89).

De acordo com Yazmin Chayo e María Victoria Sánchez (2007, 116), as analogias de gênero “parecieran tener una función teórica constitutiva” de forma que “Ramos Mejía hace equivaler la esencia del funcionamiento de las multitudes con la condición femenina [...] Las multitudes son como las mujeres: irracionales, impulsivas e histéricas” (2006, 120). Valendo-se da simétrica oposição dessa metáfora, Mejía se aprofunda no estudo da personalidade de Juan Manuel de Rosas, por ele considerado o mais paradigmático e completo caudilho dominador de massas, já que apenas ele possuía simultaneamente as civilizadas virtudes urbanas e os bárbaros hábitos rurais, numa mescla que moldaria os traços de sua personalidade evidenciada pela viril corporeidade masculina:

Sus calidades físicas fueron para ellas la encarnación material de la fuerza y del poder como lo entienden las muchedumbres. Los hombres altos y esbeltos como Rosas, producen en la imaginación popular una idea más completa de la magnitud de su grandeza [...] nada daba una idea más genuina de la vertical, que tiene algo de duro y enérgico, que aquel cuerpo soberbio de don Juan Manuel. [...] Cara ligeramente tostada [...] ojos claros, bellísimos de mirada penetrante e inquisidora [...] dejando el mayor tiempo posible su cabeza, de buena configuración romana, descubierta, como para dar lugar a que la muchedumbre y las mujeres le tributen toda la admiración que él creía merecer, porque era vano y muy pagado de sus exterioridades de macho. (Mejía 1977, 147-148).

Tais qualidades físicas de varão são, para Mejía, os fundamentos da legitimação de sua capacidade de seduzir e suggestionar massas femininas, definindo assim a própria autoridade do caudilho.

Originado na dicotomia entre civilização e barbárie estabelecida por Domingo Faustino Sarmiento (2010), o conceito de caudilho escolhido por Mejía não poderia ser mais preciso para abarcar seus intuitos políticos, uma vez que o termo pressupõe as características selvagens dos antigos senhores de terra que governavam despoticamente as províncias interioranas da Argentina oitocentista. Ao empregar a metáfora do líder político como caudilho, Mejía denota seus ideais de violência e selvageria masculina em diametral oposição à pretensa docilidade feminina das massas, a serem dominadas e subjugadas por tal líder que se impunha intelectualmente e fisicamente. Tal argumento fisiológico é tantas vezes reiterado que, em algumas passagens, Mejía sente a necessidade de justificar-se:

Diríase tal vez que doy demasiada influencia al físico y las cosas de pura impresión sensorial, como elemento de sugestión, pero la verdad es que en la psicología colectiva ese factor es indubitablemente de transcendental importancia. [...] todo lo que sea materialización grandiosa de una idea, un sentimiento o un instinto, es de una viabilidad sorprendente en la imaginación artera de las muchedumbres meridionales. (Mejía 1977, 149).

Sublinhe-se que esse trecho antecede em 22 anos o tratado de psicologia das massas de Freud (2011), que acreditava no ineditismo de sua tese de que as pulsões configuravam o vínculo entre líder e massas. Por meio dos atributos ou características viris, Mejía valeu-se dos (pre) conceitos de gênero de seu contexto para demonstrar os requintes dessa relação brutal, sádica e apaixonada travada entre o líder macho dominador e as passivas massas femininas:

Voluptuosos transportes de orgia precedieron a semejantes nupcias, que en la sangre de un sadismo feroz parecía mezclarse a la alegre zarabanda macabra de una borrachera de sátiros encelados por el olor de la hembra inabordable. Aquella prostituta había encontrado por fin el bello *souteneur*, que iba a robarle el fruto de su trabajo, sangrar sus carnes entre las protestas de extraño amor y las exigencias de sus adhesiones incondicionales. Durante veinticinco años va a entregarle toda la savia de su vida, entre los gritos y las risotadas de los anfitriones de la tiranía, que también buscaban los sonrisos de la víctima caprichosa [...] reclamando el derecho y el placer de dejarse azotar el rostro por la mano pesada de su dueño implacable [...] le gustaba el dolor traído por aquél dorso viril. (Mejía 1977, 149).

Nesse misto de repulsa e excitação, Mejía se vale da metáfora da *carne* como articuladora dessa passional relação entre caudilho e massas, já que por meio do corpo ereto de varão se traduziria a exata ideia de encarnação, em que o caudilho encarnaria os ideais da massa, e a massa encarnaria a alma e o próprio corpo do caudilho. Pela voluptuosa passionalidade irracional das massas femininas, apenas a encarnação dos valores e ideais viris manifestos num homem específico poderia apagar o fogo destrutivo e anárquico que carregam em seus seios. O sangue é outro elemento simbólico fundamental nessa metáfora, afinal, as massas virulentas e sanguinárias de que fala a *Psicología das Multidões* apenas seriam dominadas enquanto estariam em estado de dionisiaca passividade ao macho forte que rouba seu fruto e sangra suas carnes, num prazer sádico de sentir-se machucada e dolorida pelo dorso viril de seu dominador. Por meio de uma leitura simultaneamente civilizatória e selvagem, profundamente marcada pela insígnia do gênero, Mejía lançou uma tradição interpretativa sobre a liderança na Argentina que percebia a proeminência dos traços de personalidade dos másculos dominadores de multidões, influenciando diversos intérpretes políticos no decorrer do século XX, dentre os quais podemos citar aquele simultaneamente tomado como general e Cristo na história argentina, Juan Domingo Perón, tributário das simbologias de Rosas como caudilho dominador e eternizado como o paradigma máximo de liderança e condução política naquele país.

NINA RODRIGUES E O *MENEUR* DAS MASSAS DESAJUSTADAS

No mesmo viés de realizar uma apropriação nacional da Psicologia das Multidões, podemos elencar o pensamento psicopolítico de Raimundo Nina Rodrigues que, segundo as informações biográficas colhidas por Sergio Figueiredo Ferretti,

Estudou Medicina na Bahia e no Rio. Formou-se em 1888, aos 26 anos. Desde 1887 começou a publicar artigos, tendo deixado cerca de 60 trabalhos, redigidos durante 19 anos. Alguns foram reunidos em livros que publicou em vida sobre Raças Humanas, Religião Afro-brasileira, Contribuições ao Código Civil, Medicina Legal e Ensino de Medicina. Após sua morte foram publicados alguns livros reunindo artigos seus. Publicou muitos trabalhos em revistas especializadas de Medicina e outros assuntos, nos Estados da Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Escreveu artigos e livros em francês e italiano e muitos de seus trabalhos tinham edições em mais de um país, a exemplo da Itália, da Bélgica, da França e da Argentina. Travou polêmica com vários pesquisadores ilustres da época e manteve correspondência com especialistas em vários países. Foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. (Ferretti 1999, 20).

Seu nome pode ser facilmente referido como um dos mais célebres e citados intelectuais de sua época, chancelando cientificamente uma grande quantidade de intervenções públicas em sua época, tal como a chacina na cidade de Canudos. Seu livro mais afinado com a psicologia das massas, e um dos mais famosos, intitula-se *As Coletividades Anormais* (2006)⁴. Se do lado argentino Mejía se utilizava dos saberes das massas para tratar de questões como a dicotomia entre civilização e barbárie e a sedução erótica pelo caudilho, no Brasil o problema social enfrentado por Rodrigues não destacava tão marcadamente a insígnia do sexo, se comparado ao excessivo peso que legava à questão religiosa e, principalmente, racial. Seu pensamento respondia a um recente, conturbado e mal resolvido contexto de abolição da escravidão, somado à proclamação de uma república que dava seus primeiros passos na consolidação de algo que se pudesse chamar de unidade nacional. Dessa forma, Rodrigues considerava que a formulação de uma psicologia das massas brasileira deveria passar pelo estudo da religião e da raça⁵. Segundo Filipe Pinto Monteiro:

⁴ O texto ao qual fazemos referência nesse artigo foi originalmente publicado na França em 1898 sob o título *Epidémie de folie religieuse au Brésil*, apenas um ano antes do livro de Mejía e 13 anos após a primeira edição do livro de Le Bon. Já a coletânea originalmente intitulada *As coletividades anormais* foi organizada e publicada em 1939, ocasião em que o texto foi traduzido com o título de *A loucura epidêmica de Canudos*.

⁵ O termo “raça” é aqui empregado enquanto conceituação heurística, citado reiterativamente por Nina Rodrigues enquanto forma de distinção biológica entre seres humanos. Trata-se de um conceito muito popular na virada do século XX, sendo bastante ensejado pela ciência positivista e pela importação de teorizações europeias como as de Francis Galton, Cesare Lombroso, dentre outros (Talak, 2010). A construção histórica desse conceito no contexto brasileiro foi extensivamente estudada por Lilia Moritz Schwarcz no livro *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930* (1993).

Notamos que Nina não considerava incoerente um discurso que incorporasse o racismo, por um lado, e as propostas sócio-psicológicas, por outro. Seus trabalhos sobre as multidões no Brasil tornaram-se um reflexo desse modo de pensar e demonstram a habilidade de Nina ao interpretar casos nativos a partir de referências teóricas estrangeiras. [...] Seus textos revelam a posição privilegiada e não menos problemática de um pesquisador que vivia em um país mestiço, “desordenado” e como esse locus de atuação era, contraditoriamente, sua principal vantagem, seu foco de atuação e reflexão. Os problemas que faziam do Brasil um lugar condenado ao atraso, também faziam dele um laboratório que permitia a Nina conversar de igual para igual com o centro de produção intelectual de sua época, a Europa. (Monteiro 2015, 79).

É nesse sentido de produzir uma psicologia das massas brasileira para exportação que, ao tratar das coletividades anormais, Rodrigues pôs toda ênfase na questão da loucura das multidões por meio de um constructo teórico baseado nos preceitos do racismo, positivismo e alienismo, que temperavam sua prática sociopolítica de psiquiatra, sanitarista e eugenista. Com tais ferramentas, Rodrigues então demonstra conhecimento e aceitação de alguns princípios da psicologia das massas:

Sem dúvida o contágio mental por sugestão coletiva é o fator principal da constituição do estado de multidão e implica, como é óbvio, não somente a preparação prévia pelas causas que podemos com Gustavo Le Bon, chamar distantes, mas ainda a excitação passional do momento por uma causa ocasional que pode ser qualquer uma das causas próximas deste autor. O *meneur* não é mais, em suma, do que uma poderosa causa próxima, quer seja o catequizante, o verdadeiro chefe, o diretor ostensivo da multidão, quer seja o diretor inconsciente representado pelos mais exaltados e conseqüentemente pelos mais sensíveis às sugestões ambientes anônimas. (Rodrigues 2006, 64).

Nessa definição, vemos uma leitura bastante próxima aos pressupostos lebonianos em que Rodrigues lança sua leitura sobre o que compreende enquanto um líder de massas. O emprego do conceito *meneur* é bastante alusivo à recepção do autor às teorias psicológicas e hipnóticas europeias como as de Théodule Ribot, Scipio Scighele e do próprio Gustave Le Bon, que compreendiam as relações de mando-obediência a partir de uma influência estabelecida pelas mentes superiores (*meneurs*) que seriam capazes de manipular hipnoticamente os impulsos das mentes inferiores das massas (*menés*). Por tal conceituação, Rodrigues constrói o cerne de sua interpretação tupiniquim da psicologia das massas, que seria marcada por fatores raciais e religiosos e tornaria os indivíduos predispostos à loucura coletiva:

Outra causa que deve ter influenciado poderosamente, na Bahia, sobre o desenvolvimento da epidemia [de loucura coletiva], foi a predominância numérica da raça negra e de seus mestiços em nossa população. Demonstrei em outros trabalhos que as danças e sobretudo as danças sagradas a que se entregam tão apaixonadamente os negros, constituem em poderoso agente provocador da histeria. (Rodrigues 2006, 64).

Junto do elemento racial/racista, o elemento sexual também foi aludido, sublinhando a predisposição feminina às doenças psíquicas, em especial a histeria, que tornariam as mulheres mais propensas a compor um agrupamento insano: “Nas mulheres, muito comumente se associavam outras manifestações da diátese histerica [...] Não raro via-se, e ainda hoje, aparecer a abasia, subitamente, ao terminar um ataque de histeria maior” (Rodrigues 2006,

180). Nessas leituras transversais, o sexo, a idade e a cor eram pareados com o objetivo de intuir/influenciar no diagnóstico dos *excitáveis coreicos*⁶: “Quase todos esses doentes são mulheres. Nunca observei essa doença em velhos. A raça de cor é sem dúvida muito mais atacada que a branca” (Rodrigues 2006, 26-27). Seriam esses sintomas de histeria os propulsores da adesão dos indivíduos num estado de massa. Para comprovar sua tese, Rodrigues emprega polêmicos exemplos por ele considerados manifestações da loucura coletiva de sua época, tais como a Revolta de Canudos, referindo-se a Antônio Conselheiro como o mais paradigmático estereótipo de *meneur* de *massas vessânicas*:

A massa popular dirigida por Antônio Conselheiro era recrutada numa população de mestiços onde é ainda poderosa a influência dos ascendentes selvagens ou bárbaros, índios ou negros. [...] nesta população se observam com muita frequência todas as manifestações mórbidas do desequilíbrio mental [...] É natural, por conseguinte, que nossa população rural, composta em grande maioria de raças inferiores onde são normais esses sentimentos, essas crenças, tenha aderido e se associado à propaganda político-religiosa do alienado.
(Rodrigues 2006, 85-86).

Para diagnosticar as convulsões dessa multidão mestiça e rural, Rodrigues afirma a necessidade de abordar, antes de qualquer coisa, a psicologia do *meneur*, pois haveria de ser ele o homem que contagia sua loucura aos demais predispostos. Nesse sentido, o psiquiatra propõe uma análise completa da personalidade de Antônio Conselheiro com fins de esmiuçar, classificar, qualificar e definir todos os âmbitos possíveis da personalidade de seu paciente. Após a metódica exumação frenológica⁷, biográfica, eugênica e psicológica, Rodrigues sentencia que

Antônio Conselheiro era realmente muito suspeito de ser degenerado, na sua qualidade de mestiço [...] No que concerne aos antecedentes hereditários, sabe-se que descendia de uma família cearense valente e belicosa, que durante muito tempo se empenhara numa dessas lutas de extermínio, muito frequentes na história dos nossos sertões, entre famílias poderosas e rivais. No decorrer dessas lutas, deram seus ascendentes provas de uma grande bravura, e muitas vezes de requintada crueldade [...] É destas qualidades hereditárias que provêm, sem dúvida, as tendências, o temperamento belicoso que a loucura pôs em relevo em Antônio Conselheiro. (2006, p. 90).

Ao sabor de Cesare Lombroso, Francis Galton e toda a psicologia criminal/eugênica, Rodrigues realiza um verdadeiro inquérito físico, hereditário, racial e psicológico do *meneur* para justificar seu poder de sedução, hipnotismo e condução das *massas vessânicas*. Nessa descrição, sublinham-se as qualidades de valentia, belicosidade, bravura e crueldade para caracterizar seus antecedentes; ou seja, para o alienista, são os traços presentes na personalidade de Conselheiro, aliados à sua raça e hereditariedade, que lhe permitiram liderar a multidão passional, irracional e racialmente inferior até os últimos extremos da insanidade coletiva, dado que se identificavam com sua loucura:

⁶ Distúrbios psíquicos de movimentos involuntários.

⁷ A frenologia era uma ciência muito considerada na época, e pressupunha que as medidas cranianas e suas simetrias seriam definidoras das doenças psíquicas de seus indivíduos. O próprio Nina Rodrigues recebeu a cabeça decapitada de Antônio Conselheiro para exumá-la e realizar suas métricas frenológicas, buscando intuir sobre suas prováveis loucuras.

O que o chefe comunicar à multidão, será a mesma emoção, a mesma paixão que o dominavam, e esta transmissão, como o demonstrou brilhantemente Sighele, opera-se no seio da multidão pelo gesto, pela palavra, pela atitude do audacioso *meneur*; esses gestos, essas atitudes são inconscientemente imitadas pelos *menés*, despertando em sua alma sentimentos correspondentes. (2006, p. 96).

Rodrigues descreve um vínculo multitudinário comandado pelas paixões, emoções e sentimentos que partem da audácia do *meneur* suggestionando as massas por meio da palavra e da atitude, que seriam inconscientemente imitadas e reproduzidas.

Desta forma, Rodrigues lança uma interpretação *sui generis* da *Psicologia das Massas*, tornando-a uma disciplina bastante eclética, já que uniria positivismo, higienismo, eugenia, psicologia social, psiquiatria, medicina social, psicologia forense, racialismo e alienismo no intuito de tratar dos problemas nacionais mais latentes que preocupavam as elites conservadoras e rurais, tais como os diversos levantes populares republicanos a exemplo de Canudos, a Revolta da Armada, a Revolução Federalista, a Revolta da Chibata, a Guerra do Contestado, dentre outras que ameaçavam reproduzir no Brasil os acontecimentos revolucionários *à la française*, tidos como indesejáveis e doentios tanto pela psicologia das massas de Le Bon quanto pela de Rodrigues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela profusão desses saberes-poderes, a influência de Rodrigues e Mejía passou a ser bastante considerável na formação da intelectualidade médico-psiquiátrica brasileira e argentina, sendo seus nomes tributados dentre as diversas gerações de psicólogos sociais. A importância de conhecer suas contribuições à psicologia das massas latino-americanas é fundamental em vários sentidos. Em primeiro lugar, podemos compreender a pluralidade e intertextualidade das leituras e práticas da psicologia social nos diversos rincões em que foram recebidas, sendo adaptadas aos mais diversos contextos e jogos de poderes demandados em cada um dos lados da fronteira. Se na Argentina a antiga separação entre civilização e barbárie seguia como norteadora dos rumos políticos do país, Mejía fez questão de apropriar a psicologia das massas no sentido de detratar (e ao mesmo tempo demonstrar uma ambígua atração) pela selvageria das massas interioranas incivilizadas que pretensamente se deixavam dominar, tal como fêmeas no cio, pelo braço forte do caudilhesco dominador. Por outro lado, as demandas das elites brasileiras pela resolução da questão racial para os recém-libertos escravos e o risco dos levantes antirrepublicanos do interior do Brasil também foram levadas em consideração por Rodrigues, que articulou um emaranhado de teorias racialistas, eugênicas, frenológicas, higienistas, psiquiátricas e psicológicas para construir uma interpretação das massas brasileiras absolutamente marcada pelas insígnias da raça e da religiosidade afrodescendentes. Isso demonstra não apenas a pretensão científica desses intérpretes, mas suas preocupações políticas de dar resposta às elites de seus países no sentido de resolver o grande risco representado pelos nascentes levantes de massas, que realmente foram cada vez mais frequentes nas primeiras décadas do século XX no Brasil e Argentina.

O elemento metafórico de gênero utilizado nos dois lados da fronteira também não deve ser visto como mero ornamento argumentativo, pelo contrário, a dicotomia masculino-feminino é uma base hierárquica fundacional vista como natural naquelas sociedades. Eis o poder dessa metáfora: ao

comparar-se a massa às feminilidades, se define estrategicamente seu caráter passivo, irracional, influenciável e domável. O mesmo se pode dizer acerca da raça, uma vez que se cria na natural degenerescência das “raças negras” no seio das sociedades, geradas por teorias e empreendimentos públicos de branqueamento social. Atestar a articulação das massas com a negritude significava, para aquele contexto, define os levantes populares como automaticamente localizáveis no campo da aberração, da doença e da insanidade. Por meio desse cruzamento transversal entre racismo e misoginia, se pode defender pautas políticas absolutamente conservadoras e reacionárias, com o selo político da cientificidade de uma nascente psicologia social a impactar nos rumos mundiais da política.

De outra forma, analisar comparativamente os legados de Mejía e Rodrigues também nos permite compreender que essa epistemologia política da psicologia social foi abrangida e apropriada de maneira global na virada do século XIX para o XX. Dessa maneira, podemos aventar o quanto Brasil e Argentina estavam sintonizados a essas teorias desde o início de sua circulação, o que certamente influenciou em contextos posteriores em que foram aplicadas empiricamente. Não podemos pensar em simplificações causa-consequência nessa situação, mas é válido ressaltar que grande parte dos regimes políticos que vingaram com maior vigor na primeira metade do século XX conheciam os argumentos da psicologia das massas e, na medida do possível, tentavam aplicar os princípios de condução de multidões por meio de líderes. Esse pode ser um dos muitos fatores que colaborou para que regimes como o de Getúlio Vargas no Brasil e Juan Domingo Perón na Argentina tenham sido tão bem-sucedidos em seu intuito de arremessar as massas trabalhadoras no entorno de pautas políticas comuns. A partir das primeiras décadas do século XX, os intelectuais brasileiros e argentinos pensavam e atuavam na política como Oliveira Vianna, Gustavo Capanema, Ramón Carrillo e o próprio Perón se referiam aos principais psicólogos sociais como Le Bon, Scipio Sighele, Gabriel Tarde e, posteriormente, Sigmund Freud em suas análises – sem nunca deixar de reverenciar a tradição local de interpretação de psicologia das massas. Resta perguntar, como abertura para pesquisas futuras, se o próprio conceito póstumo de populismo não teria respondido a certas demandas teóricas e políticas lançadas pelas distintas interpretações da psicologia das massas.

Por fim, podemos também concluir que a interpretação da psicologia das massas freudiana, mesmo que tenha se consolidado como a mais rebuscada e popular dentre a intelectualidade acadêmica, não foi completamente hegemônica e tampouco foi pioneira; antes disso, era uma dentre muitas interpretações que circulavam como verdadeiros espelhos de príncipe a ensinar os governos e as populações acerca do perigo constante e da necessidade de controlar as negras e femininas massas sul-americanas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- CHAYO, Yazmin; SÁNCHEZ, María Victoria. La feminización de las masas: construcción de identidades sociales en la Argentina de fines del siglo XIX. In: *Anuario de Investigaciones*. vol. XIV, 2007, p. 113-121. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=369139943042> Acesso 07/06/2019

- COHEN, Yves. *Le siècle des chefs. Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité (1890-1940)*, Paris, Éditions Amsterdam, 2013
- EL-JAICK ANDRADE, Débora. Escrita da História e Política no século XIX: Thomas Carlyle e o Culto aos Heróis. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia: 2006. p. 211-246.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Luís, v. 10, n. 1, 1999, p. 19-28 Disponível em [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%20\(12\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%20(12).pdf) Acesso 07/06/2019
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas Volume 15 - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund O futuro de uma ilusão. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- FREUD, Sigmund Moisés e o monoteísmo. In: S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987
- FREUD, Sigmund Totem e Tabu. In: *Obras Completas Volume 11*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LE BON, Gustave. *Psicología de las Masas*. Madrid: Morata, 2005.
- MEJÍA, José María Ramos. *Las multitudes argentinas*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1977.
- MONTEIRO, Filipe Pinto. Nina Rodrigues e a loucura das multidões In: *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2015. p. 65-82. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2168 Acesso 07/06/2019
- MOSCOVICI, Serge. *La era de las Multitudes: Um Tratado Histórico de las Masas*. Méxco: FCE, 2013.
- RODRIGUES, Elisa. Raça e Controle Social no Pensamento de Nina Rodrigues. In: *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n.2, 2009. p. 81-107.
- RODRIGUES, Nina. *As coletividades Anormais*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, vol. 20, N. 2, 1995, p. 71-99.
- SEVECENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 3, 2006.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das. Letras, 1993
- TALAK, Ana María. Psicología, Sociedad y Nación. Proyectos y usos de la primera psicología en la Argentina. In: *Nación Psí: Psicología, cultura y sociedad*. Disponível em: http://www.ascofapsi.org.co/documentos/2010/Psic_soc_nacion.pdf Acesso: 12/12/2015.
- UNIVERSIDAD PEDAGOGICA ARGENTINA. *Educadores Argentinos*: Ramos Mejía. Disponível em: http://escritoriocentros.educ.ar/datos/recursos/articulos-educadores/educadores-ramos_mejia.pdf Acesso: 07/01/2016.

O EXCITANTE CAUDILHO DE RAMOS MEJÍA E O DESVAIRADO MENEUR DE NINA RODRIGUES
 RAÇA E GÊNERO NAS INTERPRETAÇÕES SUL-AMERICANAS DA PSICOLOGIA DAS MASSAS
 ARTIGO SUBMETIDO EM 07/06/2020 • ACEITO EM 13/10/2020
 DOI | <https://doi.org/10.5216/rth.vi2.63803>
 REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA | ISSN 2175-5892



ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO LIVRE DISTRIBUÍDO NOS TERMOS DA LICENÇA CREATIVE COMMONS ATTRIBUTION, QUE PERMITE USO IRRESTRITO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO EM QUALQUER MEIO, DESDE QUE O TRABALHO ORIGINAL SEJA CITADO DE MODO APROPRIADO